

LIÇÃO 2 - A Ciência Suprema da Verdade e o Conhecimento das Causas Últimas

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 1 e 2: 993b 19-994b 11

“151. É justo chamar a filosofia de ciência da verdade. Pois o fim do conhecimento teórico é a verdade, enquanto o do conhecimento prático é a ação; pois mesmo quando os homens práticos investigam o modo como algo existe, eles não o consideram em si mesmo, mas em relação a algo particular e ao momento presente. Mas só conhecemos uma verdade conhecendo sua causa. Ora, tudo aquilo que é a base de uma predicação unívoca sobre outras coisas possui esse atributo em grau máximo. Assim, o fogo é o mais quente e é, de fato, a causa do calor em outras coisas. Portanto, também é verdadeiro em grau máximo aquilo que é a causa de todas as coisas subsequentes serem verdadeiras. Por esta razão, os princípios das coisas que sempre existem devem ser verdadeiros em grau máximo, porque não são verdadeiros às vezes e falsos outras vezes. Tampouco há uma causa para o seu ser, mas eles são a causa do ser de outras coisas. Portanto, na medida em que cada coisa tem ser, nessa medida ela é verdadeira.

Capítulo 2

152. Além disso, é evidente que existe um [primeiro] princípio, e que as causas das coisas existentes não são infinitas nem em série nem em espécie. Pois é impossível que uma coisa venha de outra como de matéria em um regresso infinito, por exemplo, carne da terra, terra do ar, ar do fogo, e assim por diante, ao infinito. Nem as causas das quais se origina o movimento podem proceder ao infinito, como se o homem fosse movido pelo ar, o ar pelo sol, o sol pela discórdia, e assim por diante, ao infinito. Novamente, nem pode haver um regresso infinito no caso da razão pela qual algo é feito, como se andar fosse

por causa da saúde, a saúde por causa da felicidade, e a felicidade por causa de outra coisa, de modo que uma coisa é sempre feita por causa de outra. O mesmo ocorre no caso da quiddidade.

COMENTÁRIO

289. Tendo mostrado como o homem está disposto para o estudo da verdade, o Filósofo agora mostra que o conhecimento da verdade pertence preeminentemente à filosofia primeira. A respeito disso, ele faz duas coisas... Primeiro (290), mostra que o conhecimento da verdade pertence preeminentemente à filosofia primeira. Segundo (291), que pertence em grau máximo a esta ciência ("Mas só conhecemos uma verdade").

Ele prova essas duas proposições a partir de duas coisas estabelecidas acima no prólogo deste livro, a saber, que a sabedoria não é uma ciência prática, mas especulativa (53), e que ela conhece as primeiras causas (48).

290. Ele argumenta a partir da primeira para chegar à primeira conclusão desta maneira. O conhecimento teórico, i.e., especulativo, difere do conhecimento prático pelo seu fim; pois o fim do conhecimento especulativo é a verdade, porque tem o conhecimento da verdade como seu objetivo. Mas o fim do conhecimento prático é a ação, porque, embora "homens práticos", i.e., homens de ação, tentem compreender a verdade tal como pertence a certas coisas, eles não buscam isso como um fim último; pois não consideram a causa da verdade em si e por si mesma como um fim, mas em relação à ação, seja aplicando-a a algum indivíduo definido, ou a algum tempo definido. Portanto, se adicionarmos ao exposto o fato de que a sabedoria ou filosofia primeira não é prática, mas especulativa, segue-se que a filosofia primeira é mais apropriadamente chamada de ciência da verdade.

291. Mas, como existem muitas ciências especulativas que consideram a verdade, como a geometria e a aritmética, foi necessário mostrar que a filosofia primeira considera a verdade em grau máximo, na medida em que foi mostrado acima que ela considera as primeiras causas (48). Daí ele argumenta como se segue. Só temos conhecimento da verdade quando conhecemos uma causa. Isso é evidente pelo fato de que as coisas verdadeiras sobre as quais temos algum conhecimento têm causas que também são verdadeiras, porque não podemos conhecer o que é verdadeiro conhecendo o que é falso, mas apenas conhecendo o que é verdadeiro. Esta é também a razão pela qual a demonstração, que causa a ciência, começa com o que é verdadeiro, como é afirmado no Livro I dos *Segundos Analíticos*.

292. Em seguida, ele adiciona a seguinte proposição universal. Quando um predicado unívoco é aplicado a várias coisas, em cada caso aquilo que constitui a razão para a predicação sobre outras coisas possui esse atributo no sentido mais pleno. Assim, o fogo é a causa do calor nos compostos. Portanto, visto que o calor é predicado univocamente tanto do fogo quanto dos corpos compostos, segue-se que o fogo é o mais quente.

293. Ora, ele diz "unívoco" porque, às vezes, acontece que um efeito não se torna semelhante à sua causa, a ponto de ter a mesma natureza específica, devido à excelência dessa causa; por

exemplo, o sol é a causa do calor nestes corpos inferiores, mas a forma que esses corpos inferiores recebem não pode ser da mesma natureza específica que a possuída pelo sol ou por qualquer um dos corpos celestes, uma vez que não possuem matéria comum. É por isso que não dizemos que o sol é o mais quente, como dizemos que o fogo é, mas que é algo superior ao mais quente.

294. Ora, o termo verdade não é próprio de apenas uma classe de seres, mas é aplicado universalmente a todos os seres. Portanto, visto que a causa da verdade é una, tendo o mesmo nome e estrutura inteligível que seu efeito, segue-se que tudo aquilo que causa as coisas subsequentes a serem verdadeiras é ele mesmo o mais verdadeiro.

295. A partir disso, ele conclui novamente que os princípios das coisas que sempre existem, ou seja, os corpos celestes, devem ser os mais verdadeiros. Ele faz isso por duas razões. Primeiro, eles não são "às vezes verdadeiros e às vezes não verdadeiros" e, portanto, superam a verdade das coisas sujeitas à geração e corrupção, que às vezes existem e às vezes não. Segundo, esses princípios não têm causa, mas são a causa do ser de outras coisas. E por essa razão, eles superam os corpos celestes em verdade e em ser; e, embora estes últimos sejam incorruptíveis, eles têm uma causa não apenas de seu movimento, como alguns pensavam, mas também de seu ser, como o Filósofo afirma claramente neste lugar.

296. Ora, isso é necessário, porque tudo o que é composto por natureza e participa do ser deve, em última análise, ter como suas causas aquelas coisas que têm existência por sua própria essência. Mas todas as coisas corpóreas são seres atuais na medida em que participam de certas formas. Portanto, uma substância separada, que é uma forma por sua própria essência, deve ser o princípio da substância corpórea.

297. Se acrescentarmos a essa conclusão o fato de que a filosofia primeira considera as primeiras causas, segue-se, como foi dito acima (291), que a filosofia primeira considera aquelas coisas que são as mais verdadeiras. Consequentemente, esta ciência é por excelência a ciência da verdade.

298. Dessas conclusões, ele extrai um corolário: já que aquelas coisas que causam o ser de outras coisas são verdadeiras em sumo grau, segue-se que cada coisa é verdadeira na medida em que é um ser; pois as coisas que nem sempre têm ser da mesma maneira nem sempre têm verdade da mesma maneira, e aquelas que têm uma causa de seu ser também têm uma causa de sua verdade. A razão para isso é que o ser de uma coisa é a causa de qualquer juízo verdadeiro que a mente faz sobre a coisa; pois a verdade e a falsidade não estão nas coisas, mas na mente, como será dito no Livro VI (1230) desta obra.

299. Ele rejeita uma posição que tornaria a prova acima insustentável; pois essa prova procedia sob o pressuposto de que a filosofia primeira considera as primeiras causas. Mas se houvesse um regresso infinito nas causas, essa prova seria destruída, pois então não haveria primeira causa. Assim, seu objetivo aqui é refutar essa posição. Sobre isso, ele faz duas coisas. Primeiro (152), ele aponta o que pretende provar. Segundo (300), ele procede a fazê-lo.

Ele diz, primeiro, que a partir do que foi dito, pode-se mostrar claramente que existe algum [primeiro] princípio do ser e da verdade das coisas. Ele afirma que as causas das coisas existentes não são infinitas em número, porque não podemos proceder ao infinito em uma série de causas

pertencentes a uma mesma classe, por exemplo, a classe das causas eficientes. Tampouco as causas são infinitas em espécie, como se as classes de causas fossem infinitas em número.

300. Em seguida, ele explica sua afirmação sobre um número infinito de causas em uma série. Ele faz isso, primeiro, em relação à classe das causas materiais. Pois é impossível ter uma série infinita no sentido de que uma coisa sempre vem de outra como sua matéria, por exemplo, que a carne vem da terra, a terra do ar e o ar do fogo, e que isso não termina em alguma entidade primeira, mas prossegue ao infinito.

Segundo, ele dá um exemplo disso na classe da causa eficiente. Ele diz que é impossível ter uma série infinita na classe de causa que definimos como a fonte do movimento; por exemplo, quando dizemos que um homem é movido a tirar sua roupa porque o ar se aquece, tendo o ar sido aquecido por sua vez pelo sol, o sol tendo sido movido por outra coisa, e assim ao infinito.

Terceiro, ele dá um exemplo disso na classe das causas finais. Ele diz que também é impossível proceder ao infinito no caso da "razão pela qual" algo é feito, ou seja, a causa final; por exemplo, se disséssemos que uma viagem ou uma caminhada é empreendida por causa da saúde, a saúde por causa da felicidade, a felicidade por causa de outra coisa, e assim ao infinito.

Finalmente, ele menciona a causa formal. Ele diz que também é impossível proceder ao infinito no caso da "quididade", ou seja, a causa formal, que a definição significa. No entanto, ele omite exemplos porque são evidentes e porque foi mostrado no Livro I dos *Analíticos Posteriores* que é impossível proceder ao infinito na questão da predicação, como se animal fosse predicado quiditativamente de homem, vivo de animal, e assim ao infinito.

Revision #2

Created 7 September 2026 13:20:10 by Admin

Updated 13 September 2026 13:14:26 by Admin